

A DEVOÇÃO OFICIAL: O programa iconográfico das igrejas matrizes da antiga Capitania Real do Rio de Janeiro (1565-1821)

Rafael Azevedo Fontenelle Gomes¹

RESUMO

Este estudo estabelece um panorama sobre o programa iconográfico das igrejas matrizes na antiga Capitania Real do Rio de Janeiro (1565-1821), que corresponde, em linhas gerais, ao território do atual Estado homônimo. Durante este período, foram criadas 57 paróquias na região, concentradas mormente na faixa litorânea. O estabelecimento das mesmas visava organizar a vida dos distritos nas capitanias brasileiras, dando suporte aos fregueses tanto nas suas necessidades espirituais quanto nas demandas civis, como, por exemplo: registros, recolhimento de tributos, enterramentos etc. Para o devido cumprimento de suas funções, estas instituições empregaram um repertório iconográfico específico, tacitamente associado aos ofícios realizados nas mesmas.

Palavras-chave: Escultura. Iconografia. Arte sacra. Rio de Janeiro. Inventário.

OFFICIAL DEVOTION: The Iconographic Program of Parishes in the Royal Captaincy of Rio de Janeiro (1565-1821)

ABSTRAT

This study provides an overview of the iconographic program of the mother churches in the former Royal Captaincy of Rio de Janeiro (1565-1821), which corresponds broadly to the territory of the current homonymous state. During this period, 57 parishes were created in the region, mainly concentrated in the coastal strip. Their establishment aimed at organizing the life of the districts in the Brazilian captaincies, supporting the clients in their spiritual needs as well as their civil demands, such as records, tax collection, burials, etc. For the proper fulfillment of their functions, these institutions employed a specific iconographic repertoire, tacitly associated with the trades performed in them.

Keywords: Sculpture. Iconography. Religious art. Rio de Janeiro. Inventory.

DEVOCIÓN OFICIAL: el programa iconográfico de parroquias en la Capitanía Real de Río de Janeiro (1565-1821)

RESUMEN

Este estudio proporciona una visión general del programa iconográfico de las iglesias madres en la antigua Capitanía Real de Río de Janeiro (1565-1821), que corresponde en términos generales al territorio del estado homónimo actual. Durante este período, se crearon 57 parroquias en la región, concentradas principalmente en la franja costera. Su establecimiento tenía como objetivo organizar la vida de los distritos en las capitanías brasileñas, apoyando a los clientes en sus necesidades espirituales, así como sus demandas civiles, como registros, recaudación de impuestos, entierros, etc. Para el correcto cumplimiento de sus funciones, estas instituciones emplearon un repertorio iconográfico específico, asociado tácitamente con los oficios realizados en ellas.

Palabra clave: Escultura. Iconografía. Arte religiosa. Rio de Janeiro. Inventario.

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende traçar um breve panorama sobre o programa iconográfico das igrejas matrizes² na antiga Capitania Real do Rio de Janeiro (1565-1821), que corresponde, em linhas gerais, ao território do atual Estado homônimo. Durante o período, foram criadas 57 paróquias na região, a maioria delas no século XVIII e na faixa litorânea, mais povoada que os sertões protegidos pela Serra do Mar.

Até o advento do Império, a criação das mesmas estava estritamente ligada aos interesses da administração colonial no Brasil e, em última instância, à vontade da Coroa. Tais freguesias reuniam núcleos populacionais que, somados, constituíam uma determinada vila, tal qual os distritos formam os municípios na divisão administrativa atual.

¹ Museólogo do Iphan (licenciado) e Doutorando em Arte Visuais – PPGAV/EBA/UFRJ | o.raffael@gmail.com

² As igrejas matrizes são uma das três instituições basilares da Igreja presentes na referida Capitania Real – juntando-se às instâncias das ordens religiosas e das confrarias, que assim resolvemos diferenciar devido às suas finalidades, objetivos e função para a população fluminense.

No tocante à questão financeira, estas instituições deveriam receber dotes anuais, necessários para a suporte à fábrica³ das mesmas. Uma vez que o Rei era o perpétuo administrador da Ordem de Cristo, ações excepcionais de reformas, ampliação e adaptação também poderiam ser contempladas com esmolas vindas de Lisboa. Além disso, as mesmas deveriam possuir um padre colado⁴, representante do Estado e da Igreja, prestando serviços civis e religiosos à população.

Para tal, se fazia mister haver algum tipo de ordenamento legal de todas as ações e obrigações das partes envolvidas. No caso brasileiro, tais compromissos são claramente expressos pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* (VIDE, 2007. publicação original, 1709), publicadas no início do século XVIII, quando o Brasil possuía apenas o arcebispado em Salvador e o bispado do Rio de Janeiro⁵.

Conforme determina o documento, as matrizes só poderiam ser construídas após autorização da administração eclesiástica. A isso se acrescentava ainda o interesse da Corte, uma vez que tal empreendimento impactava no erário da Coroa. Elas deveriam ser edificadas em local adequado, com recomendação expressa para aproveitamento de terrenos elevados e em regiões bem povoadas, evitando a ação de depredadores e ladrões em lugares ermos.

AS MATRIZES: AS REGRAS PARA SUAS EDIFICAÇÕES E FUNCIONAMENTO

Como diversos ofícios religiosos seriam ministrados nas igrejas matrizes, uma série de elementos se fazia obrigatória na composição das mesmas. Elas deveriam ter, por exemplo: um retábulo e uma capela mor, para fixação da imagem do Cristo e do orago (padroeiro) local; uma pia batismal, para o sacramento do batismo; uma pia de água benta; um adro espaçoso, grande o suficiente para o sepultamento dos fregueses etc. Além disso, as *Constituições* – citando as recomendações tridentinas⁶ – também deliberam a importância do culto à Virgem Maria e São Pedro, patrono da Igreja, em ambiente paroquial.

Neste ensejo, principalmente nos primeiros tempos da colônia, as confrarias⁷ de leigos, representantes de classes, ofícios e etnias distintas, vão se reunindo dentro dessas igrejas, ocupando altares laterais e assumindo a responsabilidade pela celebração dos rituais e conservação de seus retábulos. Comumente, as irmandades mais encontradas dentro das paróquias eram aquelas ligadas ao seu funcionamento, como, por exemplo, a do Santíssimo Sacramento – ilustre guardião da custódia e da Eucaristia, a de São Miguel das Almas, que assumia as funções funerárias e a do Senhor dos Passos/Nossa Senhora das Dores, responsável pelos ofícios da Semana Santa.

Algumas vezes, aquelas primeiras possuíam tanto prestígio e demonstravam tamanho empenho que atuavam reunindo outras irmandades em benefício de obras arquitetônicas e/ou pleiteando recursos junto à Coroa ou à administração local para a fábrica das matrizes (CAMPOS, 2011).

93

O PROGRAMA ICONOGRÁFICO DAS SEDES DE FREGUESIA

À luz do exposto anteriormente, podemos afirmar que a maioria as matrizes coloniais brasileiras possuía imagens para representar todas estas atribuições sobreditas: o Cristo Crucificado, filho de Deus; a Virgem, mãe de Deus; o orago, recebendo forte influência do devocionário popular português e das ordens religiosas presentes na antiga capitania do Rio de Janeiro (Figura 1, 3); São Miguel – o julgador e condutor das almas, responsável pelos ofícios funerários; Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores (procissão da Paixão e Passos da Via Sacra), e São Pedro, símbolo clerical.

Perfilando o quadro devocional das paróquias, podemos acrescentar a figura de Nossa Senhora do Rosário (principal devoção dos negros), Santana (a matriarca das famílias), Nossa Senhora do Terço (referência a um dos principais objetos do culto diário) e São João Batista (patriarca dos batizados). Outras devoções populares, legado da Idade Média em Portugal, também se faziam presentes eventualmente com maior ou menor frequência nos oragos e altares laterais, dependendo das características, origem, anseios e ofícios da população atendida pela paróquia (Figura 2).

Para ilustrar o que foi tratado acima, elencamos algumas das imagens encontradas numa das matrizes da antiga Capitania Real do Rio de Janeiro, elevada a Paróquia em 1751: a Igreja de Santa Rita de Cássia, no centro da cidade. Neste ponto, cabe ressaltar que muitas das imagens depositadas inicialmente nas matrizes vão ao longo dos anos sendo transferidas para igrejas de irmandades, na medida em que elas adquiriam autossuficiência financeira e prestígio,

³ Fábrica é a pessoa jurídica responsável por todos os bens e direitos destinados à conservação, reparação e manutenção duma igreja e ao exercício do culto nela. Na catedral, o administrador é o bispo com o cabido; na igreja paroquial,

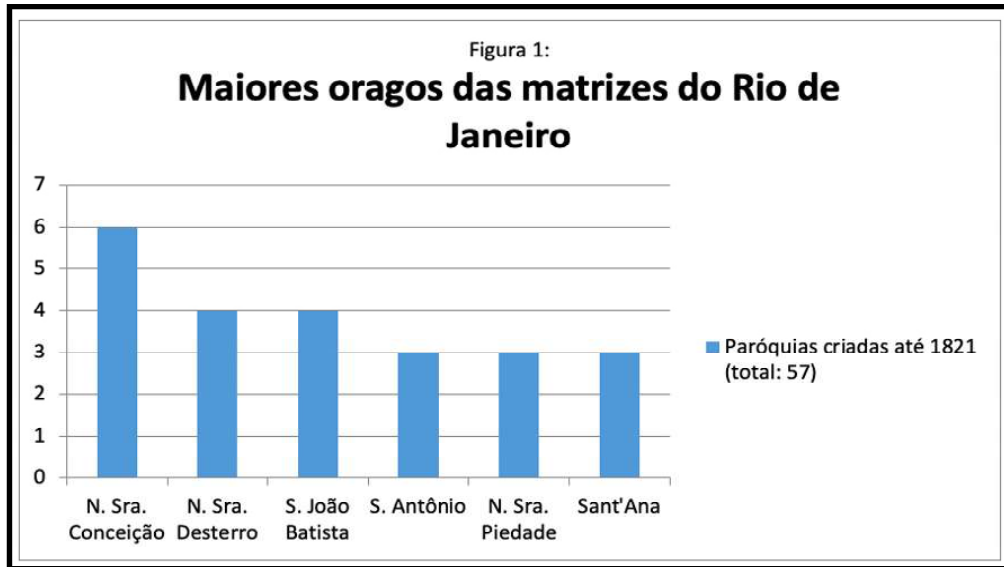
⁴ Os vigários colados eram sacerdotes indicados para assumir em caráter permanente uma paróquia. Eram também funcionários do Estado, assumiam suas paróquias após receberem a colação. Recebiam um salário chamado *côngrua*, a partir do dízimo recolhido dos fiéis pelo poder civil.

⁵ Relativas ao Concílio de Trento, realizado entre 1545 e 1563.

⁶ As confrarias eram divididas em duas categorias: as ordens terceiras, vinculadas às regras de alguma ordem religiosa (franciscanos, carmelitas, mínimos etc.), e as irmandades, compostas por leigos sem vínculo com as instituições conventuais.

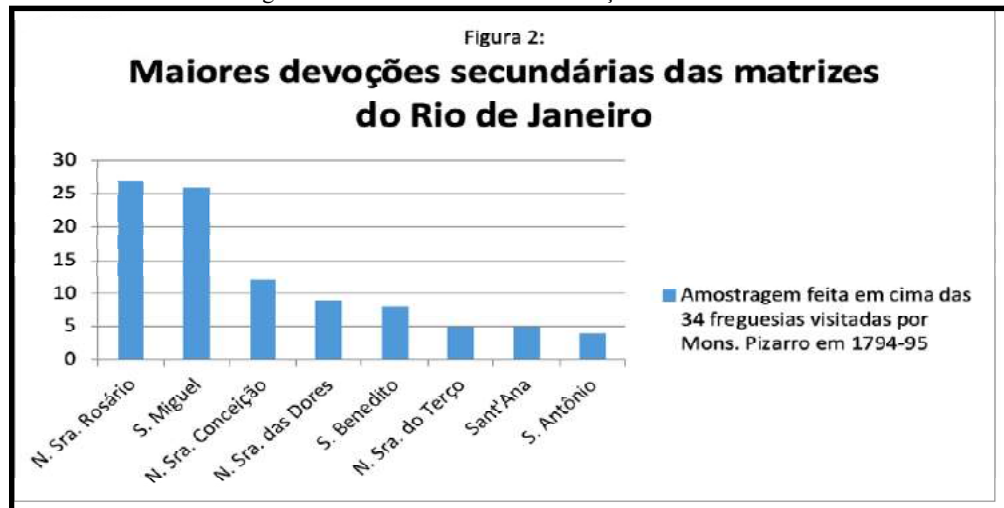
⁷ As arquidioceses são Metrópoles Eclesiásticas, pois possuem uma ou mais dioceses sufragâneas.

Figura 1 - Tabela com os maiores oragos.



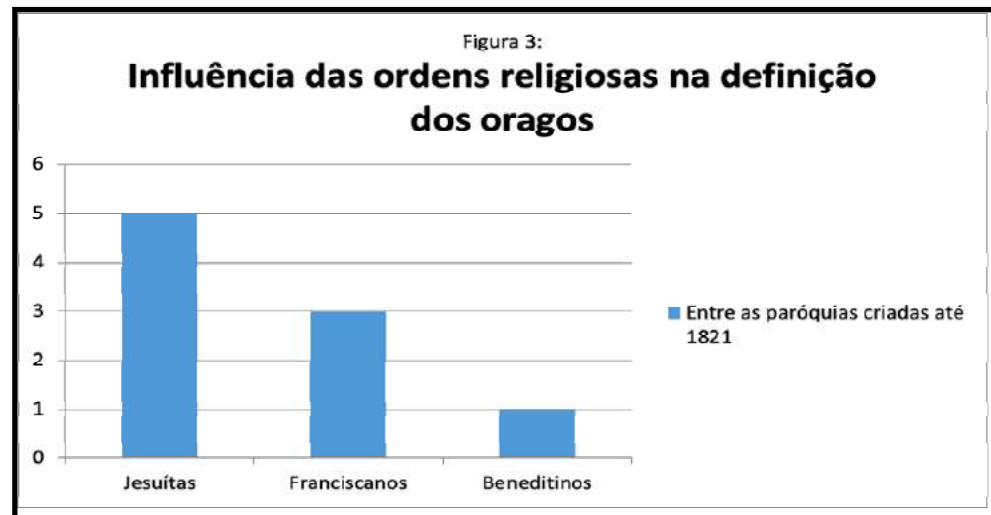
Fonte: o autor, 2019.

Figura 2 - Tabela com as maiores devoções secundárias.



Fonte: o autor, 2019.

Figura 3 - Tabela com as influências das ordens religiosas.



Fonte: o autor, 2019.

construindo templos exclusivos para suas finalidades de culto. Um dos casos mais frequentes, por exemplo, é a edificação de igrejas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, muitas delas financiadas pelos próprios brancos, com o intuito óbvio de cessar o convívio com os negros nas suas igrejas.

A MATRIZ DE SANTA RITA DE CÁSSIA

A capela de Santa Rita foi fundada no primeiro decênio do século XVIII, por iniciativa do Bispo D. Francisco de São Jerônimo (1638-1721). Em 1721, já possuía capela-mor construída, alicerces do corpo, ornamentos e alfaias. Elevada a matriz em 1751, foi confirmada por dois alvarás de 1753. Nessa época, a igreja recebeu ainda os cinco retábulos que possui até hoje, sendo uma das primeiras igrejas brasileiras a apresentar talha rococó, até então uma novidade estilística, que substituiu o barroco ao longo da segunda metade dos setecentos.

Nos seus altares encontramos praticamente todas aquelas devoções acima citadas, comumente encontradas nas matrizes do Brasil Colônia, perfilando um programa iconográfico específico destas instâncias da Igreja. Seguiremos, portanto, apresentando algumas delas, a fim de ilustrar o objeto desse estudo. São cinco imagens devocionais: a) Santa Rita de Cássia – o orago; b) Santo Antônio e c) Imaculada Conceição – santos ligados a Portugal; d) Sant’Ana – a matriarca; e) São Miguel – o protetor das almas.

Podemos, neste ponto, reparar a ausência de duas devoções que já vimos serem de suma importância nas matrizes: São Pedro e Nossa Senhora do Rosário. Destacamos que a igreja de Santa Rita possui uma imagem desta última, mas não a analisaremos, por considerarmos que o culto a esta invocação foi de fato consagrado na antiga Sé de São Sebastião do Morro do Castelo, onde se instalaram duas irmandades para a santa: uma para pretos, outra para brancos.

Já São Pedro, o *príncipe dos apóstolos*, não foi contemplado por um motivo óbvio: duas quadras atrás da Santa Rita se localizava a igreja de São Pedro dos Clérigos – templo barroco já demolido, cuja irmandade havia sido criada inicialmente na matriz de São José (CAMPUS, 2011).

Figura 4 – Santa Rita de Cássia. Madeira dourada e policromada. Séc. XVIII.



Fonte: o autor.

ANÁLISE DOS EXEMPLARES

O orago: **Santa Rita de Cássia**. (Figura 4), Margherita Lotti (1381 – 1457) foi uma monja agostiniana nascida na Itália. Se casou na juventude e teve dois filhos. Seu marido foi assassinado e seus filhos tentaram vingar a morte do pai, culminando tragicamente com o falecimento de ambos. Viúva e sem herdeiros, tornou-se religiosa. No convento, teria recebido uma das chagas de Cristo na testa. É invocada para causas urgentes, sendo protetora dos aflitos. Santa Rita veste o hábito negro das monjas agostinianas, com grandes mangas, amarrado por um cinto que lhe cai aos pés. Apresenta como atributos: uma coroa de espinhos, a ferida na testa, um crucifixo, uma palma com três coroas e abelhas (CUNHA, 1993). No nosso exemplo, a santa segue o modelo iconográfico supracitado, apresentando a cruz e a palma com três coroas como atributos.

Figura 5 – Santo Antônio. Madeira policromada e dourada. Séc. XVIII



Fonte: o autor.

a) Santo Antônio – o santo patricio (Figura 5)

Santo Antônio nasceu em Lisboa, Portugal, no dia 13 de setembro de 1191, e morreu aos 13 de junho de 1231, nas vizinhanças de Pádua, Itália. Em 1220 entrou para a Ordem dos Franciscanos. Não demorou para se revelar um grande orador e pregador, fazendo o sermão em Forlì, na ordenação sacerdotal de franciscanos e dominicanos, em setembro de 1221. Após alguns anos como frade itinerante, foi nomeado por São Francisco o primeiro leitor de teologia da ordem. Um dos santos mais populares da Igreja, “o santo do mundo todo”, proclamou o papa Leão XIII, Santo Antônio não perdeu sua atualidade e é invocado pelo povo cristão até hoje para curar doença, achar coisa perdida e ajudar no casamento.

96

Figura 6 – Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Madeira dourada e policromada. Séc. XVIII/XIX.



Fonte: o autor.

É representado com o hábito franciscano, jovem, imberbe e geralmente com tonsura. acolhedor, digno de sua fama de orador e pregador. O nosso exemplo, faz alusão à sua aparição com o Meninos Jesus: com livro e menino sobre o mesmo no seu braço esquerdo. Na fotografia, o livro e a cruz (que fica na mão direita) foram retirados.

b) A Virgem padroeira de Portugal – Nossa Senhora da Imaculada Conceição. (Figura 6).

O dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora é inequivocamente uma das proclamações mais complexas no campo da teologia católica. Em linhas gerais, este dogma isenta a Mãe de Deus da herança do pecado original cometido por Adão e Eva. O imperativo de representar qualidades abstratas como a pureza e a virgindade consistiu num grande desafio para os artistas. Para Fr. Róger Brunorio, “A escolha foi enfatizar a representação da concepção imaculada através da beleza corporal da Virgem. Assim, a tendência foi representar Maria como uma mulher de aspecto jovial e semblante sereno, como a predestinada por Deus, aquela que tem em sua alma a pureza, a beleza divina [...]” (BRUNÓRIO, 2006, p. 94-95).

Portanto, a Imaculada Conceição se apresenta geralmente jovem, de pé sobre nuvens ou o globo, envolto em uma serpente. Tem a crescente lunar na parte inferior, onde também repousam querubins e/ou anjos. Suas mãos estão antepostas ou cruzadas à altura do peito. Muitas vezes, sobretudo nos séculos XVI e XVII, foi representada sem véu, com volumosas mechas de cabelos caindo sobre os ombros. No exemplar pertencente ao acervo da Igreja de Santa Rita, a Virgem segue o modelo iconográfico sobredito.

Figura 7 – Sant’Ana Mesma. Madeira dourada e policromada. Séc. XVIII.



Fonte: o autor.

c) Amatriarca – Sant’Ana Mestra (Figura 7).

Sant’Ana, a mãe da Virgem, não é citada nos evangelhos. As primeiras transcrições sobre a santa estão presentes no Apócrifo de Tiago, o Justo, escrito provavelmente no século II. Em 1378, o Papa Urbano IV oficializou seu culto. Em 1584, o Papa Gregório XIII fixou a festa de Sant’Ana em 26 de julho. O Papa Paulo VI associou à data a celebração dos pais de Maria. Por isso, no ensino também se comemora o “Dia dos Avós”.

No devocionário luso-brasileiro, Sant’Ana esteve mormente associada às virtudes matriarcais, enquanto mestra e guia de sua filha – a Virgem Maria, além de ser padroeira dos moedeiros, tradição vinda de Portugal. Representada com muita dignidade e decoro, a santa reproduzia as qualidades necessárias para todas as mães, sendo, por isso, celebrada e popularizada entre os fregueses de diversas regiões do Brasil. Por este motivo, é recorrente a sua presença nos altares laterais de muitas igrejas matrizes, como a Igreja Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto (OLIVEIRA, 2010); a Igreja Santo Antônio de Jacutinga de Nova Iguaçu (PIZARRO E ARAÚJO, 2008) e a antiga igreja de São Sebastião do Morro do Castelo.

A iconografia mais comum de Sant’Ana é de pé e de mãos dadas com Nossa Senhora (carregando ou não o livro) ou sentada, anciã e serena, apresentando o livro à Virgem Maria, que está ao seu lado atenta às suas lições. Como podemos perceber, o nosso exemplo aqui apresentado faz parte desta segunda categoria.

d) O protetor das almas – São Miguel Arcanjo (Figura 8)

Miguel é um arcanjo nas doutrinas judaicas, cristãs e islâmicas. Na Bíblia, ele é mencionado três vezes no Livro de Daniel, no Apocalipse e na Epístola de Judas. Os templos cristãos dedicados a S. Miguel começaram a aparecer no século IV. Seu título de santo é honorífico, uma vez que não foi decorrente de canonização.

Figura 8 – São Miguel Arcanjo. Madeira dourada e policromada. Séc. XVIII.



Fonte: o autor.

Para os católicos, São Miguel tem quatro atribuições: comandante das forças celestes em seu triunfo sobre o satã; anjo da morte, que guiava a alma de todos os falecidos para o céu (as orações católicas em geral se referem a este papel); aferidor das almas numa balança, tal qual Anúbis na mitologia egípcia, o que justifica a recorrência deste atributo nas suas representações; e, finalmente, guardião da Igreja.

98

É representado como um jovem guerreiro romano alado, usando capacete com plumagem e manto vermelho. Apresenta como atributos: a lança, a espada, o demônio aos seus pés e uma balança. Nosso exemplo em questão reúne todas estas características, numa composição muito expressiva e equilibrada do arcanjo guerreiro e zelador das almas dos mortos. Com o adendo de na balança constarem dois bustos humanos, representando justamente a aferição dos espíritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo deste trabalho, o estabelecimento das igrejas matrizes visava organizar a vida dos distritos nas capitanias brasileiras, dando suporte aos fregueses tanto nas suas necessidades espirituais (batizados, casamentos, crismas e demais sacramentos) quanto às demandas civis (registros, recolhimento de tributos, enterramentos etc.). Em suma, as sedes de freguesias e vilas se prestavam a diversas atividades chanceladas pelo Estado, marcando sua presença entre os colonos

Para o devido cumprimento de suas funções, estas instituições introduziram um repertório iconográfico peculiar, tacitamente associado aos ofícios realizados nas mesmas. Neste particular, demonstramos através de uma amostragem entre as 57 matrizes criadas na antiga Capitania Real do Rio de Janeiro a predileção da invocação da Imaculada Conceição como orago das paróquias, com seis ocorrências.

Entre as devoções secundárias destes templos, por sua vez, destacamos a importância da invocação à Nossa Senhora do Rosário – predileta entre os negros, São Miguel, Nossa Senhora do Terço, Nossa Senhora das Dores e Sant’Ana, entre outros, muitas vezes pertencentes a irmandades que continuaram ligadas à matriz por todo o período de existência, devido à natureza de suas atividades, atuando em verdadeira simbiose com a fábrica paroquial.

Cabe ressaltar, neste ponto, que a tradição secular do devocionário popular português já havia consagrado a maioria dos santos citados neste estudo, como a Virgem, os apóstolos e os santos protetores da família, das pestes, das almas etc. Por conseguinte, podemos concluir que o programa iconográfico das matrizes – no recorte do Rio de Janeiro – seguiu mais o legado medieval lusitano que aquele proposto na Contrarreforma, através do Concílio de Trento e a canonização de uma fileira de mártires e pregadores missionários.

Não obstante, é digna de nota a quantidade de oragos associados aos jesuítas, franciscanos e beneditinos (FIG. 3), muito em função de suas atividades missionárias e – fazendo referência aos primeiros – do fato de algumas igrejas fundadas pela Companhia de Jesus terem se tornado matrizes, como ocorrido em São Pedro da Aldeia, São Lourenço, São Barnabé, São Francisco Xavier do Engenho Velho e São Francisco Xavier de Itaguaí.

REFERÊNCIAS

BRUNORIO, Róger, Fr. **Duas Imagens/Uma Pintura**. Representação Iconográfica da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. In: *Vida Franciscana* n°. 80. São Paulo: Vozes, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Arte Sacra no Brasil Colonial**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CUNHA, Maria José de Assunção da. **Iconografia Cristã**. Ouro Preto: UFOP/IAC, 1993.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia de Cândido Augusto de Mello, 1863.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A Imagem Religiosa no Brasil. In: **Arte Barroca: Mostra do Redescobrimento**. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais e Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

_____. **Barroco e Rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana**. Brasília: Iphan/Monumento, 2010. v. 2.

PIZARRO E ARAÚJO, José de Souza Azevedo. **O Rio de Janeiro nas Visitas Pastorais de Monsenhor Pizarro**. Rio de Janeiro: Inepac, 2008.

TAVARES, Jorge Campos. **Dicionário de Santos**. Hagiológico e Iconográfico de Atributos de Artes e Profissões de Padroados de Compositores de Música Religiosa. Porto: Lello Editores, 2001.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.